

# **Feminismos ao Sul: Possibilidades e Desafios para a Educação em Ciências**

## **Southern Feminisms: possibilities and challenges for Science Education**

**Maíra Caroline Defendi Oliveira**  
Universidade Federal de Santa Catarina  
maira\_defendi@hotmail.com

### **Resumo**

Nesse artigo propomos discutir como os feminismos decoloniais podem contribuir com a promoção de uma Educação em Ciências antirracista, anticapitalista, antipatriarcal e anticolonial. Temos como objetivos apontar possíveis contribuições da literatura escrita por mulheres africanas e latino-americanas no contexto de formação de professores de ciências e compreender como essas leituras, podem colaborar com o fortalecimento de movimentos feministas decoloniais, com o posicionamento crítico feministas, com a diminuição de desigualdades de gênero, exclusão do patriarcado e, conseqüentemente, com a promoção de justiça social. Propomos intervenções a serem realizadas com uma turma de licenciatura em Educação do Campo em Ciências da Natureza, em que a partir de leituras das obras selecionadas, as licenciandas escrevem sobre suas vivências e aprendizados. As análises qualitativas, tanto dos textos literários selecionados, quanto dos textos produzidos pelas estudantes, estão pautadas nas discussões trazidas pelos Feminismos do Sul Global e a decolonialidade.

**Palavras chave:** Feminismos Sul-Sul, Formação de Professores, Ensino de Ciências, Decolonialidade.

### **Abstract**

In this paper, we propose to discuss how decolonial feminisms can contribute to the promotion of science education anti-racist, anti-capitalist, anti-patriarchal, antisexist, and anti-colonial. We aim to point out possible marginal literature contributions by African and Latin American women, in the context of science teacher education. As well as understand how these readings can contribute to the strengthening of feminist decolonial movements, the critical feminist positioning, the reduction of gender inequalities, sexism, and patriarchy, and consequently the promotion of social justice. We propose interventions to be carried out with students of the Rural Education course (degree in Natural Sciences education), in which from reading the selected works, they can write about their experiences and learning. Qualitative analyzes of selected literary texts and student-produced texts will be based on the authors discussing feminist movements and decoloniality.

**Key words:** South-South feminisms, Teacher Training, Science Education, Decoloniality.

## Introdução

Vivemos em uma sociedade que se estrutura a partir de práticas que consideram os homens superiores as mulheres, ou seja, a inferiorização das mulheres é estruturada a partir de uma relação de poder (QUIJANO, 2000). Se associarmos isso, a questão da colonialidade, e todos os padrões de poder e dominação que ela institui, a partir de dicotomias hierarquizadas como Brancos x Negros, Civilização x Barbárie, Moderno x Primitivo, Ocidente x Oriente, essa mesma colonialidade instituiu que homens são superiores a mulheres (LUGONES, 2008).

Não é por acaso a utilização da palavra “*homem*” como sinônimo/representação do que seja ser humano. De fato, nessa lógica colonial o homem branco é a perfeição, é humano. Tudo que disso difere é um desvio e então é justificável que seja desumanizado.

Para autora argentina Maria Lugones (2008), não temos como questionar a lógica colonial capitalista moderna se não levamos em conta, além das questões de classe e raça, as questões de gênero. Lugones (2008) propõe, nesse sentido, a colonialidade de gênero, como um sistema moderno colonial que funciona por meio da opressão, da hierarquização e da inferiorização da mulher a categoria de não -humano. Tal lógica é central para o pensamento capitalista colonial moderno e da necessidade que esse modelo (capitalista) tem em apropriar-se da base material/ e dos meios de produção de outros grupos sociais subalternos.

Na busca pela superação da colonialidade de gênero, uma das pautas dos feminismos decoloniais se insere no campo da crítica à epistemologia e metodologia científica hegemônicas, e na busca por novos paradigmas epistemológicos (MIÑOSO, 2017).

A história e a filosofia das ciências já nos possibilitam, há algum tempo, compreender que sua construção se trata de investigações feitas por seres humanos e em consequência suas subjetividades. Já parece consenso que construção do conhecimento científico se dá num processo, nunca acabado, que, em certa medida, sofre influência pelo pensamento de cada época. Pensando a questão da colonialidade, no campo do conhecimento, podemos dizer que o que confere o *status* de “científico” a um saber está mais relacionado ao poder que ao próprio saber (SHIVA, 2003).

Em seu texto: “O óvulo e o espermatozoide: como a Ciência construiu um romance baseado em papéis estereotipados de macho-fêmea, a antropóloga norte-americana Emily Martin, no início da década de 1990, publica um artigo em que analisa textos científicos da área biológica/médica que apresenta conceitos patriarcais sobre como o esperma é a parte ativa da reprodução que “ataca” e penetra o óvulo, enquanto o óvulo é um receptáculo frágil e passivo que espera o esperma vigoroso chegar, para desencadear o desenvolvimento humano.

Hoje já se sabe que não são esses os papéis do óvulo e espermatozoide. Estudos apontam que é o óvulo que escolhe o espermatozoide, ou seja, o óvulo tem um papel completamente ativo e decisivo no processo de reprodução, entretanto argumentos subjetivos como esses de feminino e masculino, atravessam muitos conceitos da biologia, principalmente naqueles relacionados a questões sexuais (FITZPATRICK, *et al.*, 2020).

Na Educação em Ciências esse processo se dá da mesma forma, reproduzindo discursos patriarcais materializados pelo conhecimento científico e senso comum. Livros didáticos estão recheados de exemplos, como esses. Além disso, outro problema é que Gênero e sexualidade muitas vezes são temáticas censuradas e o/a professor/a desautorizado/a a falar sobre. Por isso, muitas vezes são temáticas evitadas por educadores/as, por medo de sofrerem algum tipo de retaliação por parte da família ou da escola (MARIN; OLIVEIRA, 2019).

Nesse processo, a simplificação ou até mesmo o silenciamento diante de tais temáticas também contribui com a manutenção de estereótipos machistas, binários e patriarcais que estruturam a sociedade. Contribui também com a falta de conscientização frente a números crescentes de violência de gênero e feminicídios. E com a perpetuação de valores sociais que

justificam e mantêm preconceitos e atitudes discriminatórias nas relações sociais e no contexto escolar (CASSIANI; LINSINGEN, 2019).

Neste artigo temos como objetivo analisar as possíveis contribuições da utilização da abordagem feminista, decolonial e interseccional numa disciplina sobre gênero na formação de professores de ciências, sobretudo a partir do uso de literatura escrita por mulheres negras, buscando compreender como essas obras literárias, podem colaborar, no Ensino de Ciências com o posicionamento crítico feministas, com a diminuição de desigualdades de gênero, exclusão do patriarcado e consequentemente com a promoção de justiça social.

A professora, pesquisadora e autora deste trabalho, se identifica como mulher cisgênero, heterossexual e aborda e analisa as questões apresentadas nesse artigo desde as possibilidades e limitações do lugar que ocupa, mas reforça seu engajamento na luta antirracista, antissexista, antihomofóbica e antitransfóbica.

## **Aspectos Metodológicos**

A proposta aqui apresentada se deu no contexto de uma disciplina, a qual ministrei, sobre gênero, corpo e sexualidade de um curso de Licenciatura em Educação do Campo que forma professores para a área de Ciências da Natureza e Matemática.

No contexto da disciplina, realizou-se algumas intervenções literárias em que a partir de leituras de obras escritas por mulheres negras, latino-americanas e africana, as licenciandas escreveram sobre suas vivências e aprendizados. Nesse artigo faremos a análise das produções textuais das estudantes, a partir da leitura do conto “Quantos filhos Natalina teve? Do livro Olhos D’água de Conceição Evaristo. Segundo Bell Hooks (2019), a literatura é uma ferramenta crucial na formação feminista, uma vez que promove a conscientização crítica e questiona pensamentos sobre gêneros arcaicos que continuam sendo norma na formação das crianças e adolescentes. As análises qualitativas, tanto dos textos literários selecionados, quanto dos textos produzidos pelas estudantes, estão pautadas nas discussões trazidas pelos feminismos do Sul Global e a decolonialidade.

## **Resultados e Discussões**

Com o intuito de conhecer a história de vida das estudantes, foi proposto que a partir da leitura do conto “Quantos filhos Natalina teve?” do livro Olhos D’água de Conceição Evaristo, as licenciandas escrevessem um texto em formato livre que expressasse de alguma forma sua história de vida em relação a corpo, gênero e sexualidade, pensando e refletindo sobre como esse processo se deu em casa, na rua, na escola e nas relações sociais, como um todo.

O conto de Conceição Evaristo descreve a história de Natalina, desde sua adolescência até sua maioridade. Como o título deixa entender, Natalina tem alguns filhos ao longo de sua vida, mas, dos quatro filhos que têm, apenas o último, concebido após ser estuprada, Natalina considera só seu.

Várias questões, relacionadas as questões de gênero e sexualidade aparecem na história, como por exemplo, aborto, estupro, família tradicional e o papel da mulher na sociedade. Dessa forma, a história serviu como inspiração, para as licenciandas refletirem e escreverem sobre como tais questões aparecem em suas trajetórias de vida.

Ao propor essa atividade, eu tinha o receio que as estudantes pudessem se sentir desconfortáveis com a escrita de questões pessoais e íntimas, porém assim que comecei a ler os textos percebi que tínhamos criado um laço de confiança e que aquele espaço de escrita nos aproximou ainda mais, enquanto professora e estudantes. Ao escreverem sobre si mesmas, diversos discursos que trataram sobre infância, adolescência e vida adulta foram ressaltados.

Muitos relatos são extremamente pessoais, contendo histórias de abuso físico e emocional por parte de homens, pais e maridos das estudantes.

Quando me deparei com alguns discursos, enquanto professora, me senti triste, pelas histórias, porém reconfortada, pois sabia que confiavam em mim, mas como pesquisadora, não sabia o que fazer, devido às narrativas serem pesadas e carregarem momentos pessoais de cada uma das estudantes. Ao mesmo tempo pude sentir que o espaço proporcionado foi tão aberto a ponto de as licenciandas compartilharem suas memórias cheias de sentimentos comigo. A atividade extrapolou a aula, a disciplina e sobretudo a pesquisa. Foi um espaço de desabafo, de licenciandas que se sentiram livres para escrever sobre momentos marcantes de suas histórias de vida.

Espaços como esse não são encontrados facilmente na escola ou na universidade, até porque muitas vezes esses lugares reforçam o silenciamento dessas sujeitas e de assuntos da vida pessoal.

A seguir apresento trechos de algumas das narrativas produzidas pelas estudantes. Narrativas que ilustram suas histórias de vida, mas que poderiam ilustrar a história diária de milhares de mulheres no mundo todo, que são constantemente vítimas do patriarcado e de todas as violências que esse modelo carrega.

Os abusos que sofri me afetaram muito, mas somente quando estava na sexta série que realmente estourou, fiquei muito depressiva nessa época, não saía mais de casa, não tinha vontade de fazer nada, sofro com isso até hoje, tenho que sempre tomar algum medicamento para ficar com mais ânimo e para diminuir minha ansiedade. Tenho uma enorme dificuldade em confiar nas pessoas, principalmente em homens para manter um relacionamento saudável e duradouro, tenho atração por homens, mas sempre fico com o pé atrás (narrativa 1).

É inacreditável pensar que seres humanos com apenas uma genital diferente, sofram tanto dentro de uma sociedade. É absurdo e doído pensar que há milhares de mulheres sendo torturadas, humilhadas, ilegítimadas, caladas e mortas por seres que se acham superiores (narrativa 5).

Bom, se a algum tempo alguém me perguntasse se já sofri algum tipo de violência responderia que não. Porém, com essa disciplina podemos abrir os olhos e ver além do que nos cerca. Ver o emocional e psicológico também. No entanto, hoje responderia a mesma pergunta dizendo sim, pois de um jeito ou outro todas nós mulheres acabamos sofrendo violência pela nossa sociedade, que estruturalmente é patriarcal (narrativa 6).

Quanto mais vulneráveis forem as populações, como as mulheres e meninas negras, indígenas, com deficiência, ou LGBTQI+, maior o desequilíbrio entre o poder da vida e da morte. E são “as mulheres que pagam o preço mais alto, com seus corpos, seu trabalho e suas vidas” (FREDERICI, 2017, p. 37). Não é por coincidência que o número de feminicídios e a violência de gênero têm aumentado, especialmente em países da África e da América Latina. O Brasil é o 5º país que mais mata mulheres por feminicídio no mundo, e a maioria das mulheres vítimas dessas violências são negras.

Diante desses dados, é importante pensar no que nos diz Sueli Carneiro (2019), ao apontar que a violação colonial praticada no Brasil e na América Latina como um todo, pelos senhores brancos, contra as mulheres negras, indígenas e as miscigenações daí resultante, estruturam todas as relações estabelecidas desde então. Nessas condições de desigualdade e violência, principalmente contra as mulheres não brancas, é que se estabeleceu o mito da democracia racial e da igualdade de gênero.

Para Carneiro (2019) o mito da democracia racial, adquiriu novos contornos, onde o colonialismo, a partir da lógica da colonialidade, age numa ordem social supostamente democrática, mas que mantém inalteradas as relações de gênero e raça instituídos desde o período escravocrata. O trecho a seguir ilustra como essas questões aparecem corriqueiramente no nosso dia a dia.

Em outra ocasião eu estava namorando um homem preto e tive que ouvir meu tio falando na minha cara que mulher que namora com homem preto era tudo vagabunda, então perguntei se ele estava me chamando de vagabunda e ele disse que eu não era, mas as outras eram (narrativa 1).

Dentro da perspectiva patriarcal/ capitalista só é possível pensar a família a partir de uma constituição heterossexual, ou seja, heteropatriarcal, centrada nos desejos masculinos, na qual a mulher serve o homem e suas necessidades, entretanto, com o aumento, nas últimas décadas, de políticas públicas e ações voltadas as pessoas LGBT's e as questões relacionadas a gênero e sexualidade, foi crescente o números de mulheres, que mesmo não estando dentro do movimento feminista, passaram a questionar as responsabilidades impostas em relação aos serviços domésticos e a obrigação da maternidade.

O que sempre senti em minha casa era relacionado ao machismo. Meu irmão, com 1 ano mais novo, sempre podia fazer tudo, sair, namorar, festas, pois era “homem”. Pra tudo tive q esperar para fazer junto com ele, comunhão, crisma, carteira de motorista, tinha que deixar minha turma, minhas amizades de lado, para esperar pra fazer com meu irmão. Muitas vezes eu só podia sair de casa se ele fosse junto, e além de tudo isso não podia sair de saia, roupa curta, com batom vermelho, se não ele não ia e eu não poderia ir se não fizesse as vontades dele e de meu pai (narrativa 3).

Sobre machismo, ainda vejo vários estereótipos presentes na sociedade e família, tios que menosprezam todo o trabalho domésticos de suas esposas, ou que quando elas pedem o divórcio fazem um drama e prometem mudar, mas também as ameaçam falando que se pegarem elas com outro as matam, isso que eles mesmos já as traíram. Também ameaçam financeiramente, falando que deixará ela sem nada. (narrativa 1).

Outro trecho que essas questões emergem:

As mulheres são pressionadas, desde criança a se vestirem e se portarem de um jeito específico, do jeito que a sociedade exige. E comigo não foi diferente. Na escola, me sentia uma estranha, pois sempre fui muito magra e não tinha um corpo bonitinho como da maioria das meninas da minha idade. Meus pais não tinham condições de comprar roupas da moda pra mim, então usava roupas ganhadas de parentes que não servia mais. Hoje, ainda sofro mais pelo simples fato de ser mulher. Pois além de trabalhar todos os dias fora, é responsabilidade minha cuidar da casa, manter as roupas limpas e cuidar das roupas e deveres do meu filho. Meu marido me “ajuda” e ele acha que é um super herói por fazer isso, porém pra mim o que ele faz é pouco, precisava que ele se responsabilizasse tanto quanto eu e não apenas fizesse as coisas que eu peço quando dá tempo. Porém a sociedade diz que é dever meu fazer tudo isso (narrativa 6).

Outras questões apontadas nas narrativas, referem-se a importância de se trabalhar a educação sexual, e de se ter na formação de professores momentos e disciplinas que abordem essas temáticas e preparem a/o professor(a) para atuar conscientemente. Tais aspectos ficam evidenciados na fala a seguir:

É triste, mas as mulheres sempre foram discriminadas, e na ciência não é diferente, quando relatavam que o óvulo não era tão importante quanto o espermatozoide. Como o óvulo não é importante? Claro que é, pois ele é que escolhe o espermatozoide. Somos nós mulheres que geramos a vida. Por isso é de suma importância sempre adquirimos novos conhecimentos sobre Gênero e sexualidade, como adquiri agora no curso. Pois quando estudava no ensino médio, nunca nos foi dado conceito algum que nos orientasse a essa temática. Foi e é de suma importância este aprendizado, pois assim poderemos lidar com essas demandas na escola e com situações adversas relacionadas a violência de gênero e machismo (narrativa 3).

Como dito no início desse texto, o Ensino de Ciências costuma reproduzir os padrões da Ciência hegemônica em sua construção histórica, nesse contexto, o conhecimento científico é tratado como o único válido, pois representa a realidade, e no campo da educação sexual, fica majoritariamente restrito ao determinismo biológico, não apontando questões sociais, históricas e sobretudo pessoais. Tendo em vista a construção de uma visão mais coerente sobre a Ciência, os professores poderiam proporcionar aos alunos a vivência em atividades que oportunizassem a superação de percepções unilaterais, como, por exemplo, as relacionadas as temáticas de gênero e sexualidade. No entanto, o tipo de formação que muitos professores ainda têm, não permitem a promoção de um Ensino de Ciências comprometido com a justiça social para sujeitos excluídos e marginalizados pela cis-heteronorma (MARIN e OLIVEIRA, 2019). Essa proposta buscou apontar alternativas para conseguirmos superar essas visões distorcidas sobre as temáticas de gênero e sexualidade no Ensino de Ciências.

## Considerações Finais

Concordamos com Linda Martín Alcoff (2016) sobre a necessidade do desenvolvimento de uma epistemologia decolonial revolucionária que debata sobre o que é verdade e como e por quem a Ciência é produzida, e que se contraponha ao sistema hegemônico nas suas diversas esferas, sobretudo na construção de novos significados e na interpretação do mundo. Temos que questionar os paradigmas e ferramentas e preenchê-las com nossos próprios significados e interesses, já que ao longo da história moderna/colonial/ capitalista fomos impedidas de determinar nosso próprio futuro.

Como abordamos anteriormente, a sociedade, e em consequência a Ciência e seu ensino, classificam as pessoas a partir de um padrão heteronormativo e de uma lógica patriarcal. Esse entendimento, tem sua base central no modelo capitalista, que a partir da divisão sexual do trabalho organiza a sociedade a partir da superioridade do homem e da inferioridade da mulher (FREDERICI, 2017).

O feminismo, a partir de uma lente decolonial, revisita, repensa e reorganiza essas bases sociais, negando o neoliberalismo, o enfrentando a partir de novas estratégias, novas tecnologias, e outros saberes que não aqueles defendidos pela hegemonia do poder/saber/ser. Parte do local, do ancestral e preocupa-se com a formação humana do/a sujeito/a, e não com a reprodução da força de trabalho, com os mecanismos de controle, com a acumulação de recursos e com o lucro.

No Ensino de Ciências feminista decolonial, a sexualidade precisa ser tratada, para além do sexo, da normatização dos corpos ou da reprodução. Pressupõe intimidade, afeto, emoções, sentimentos, história de vida e bem estar pessoal. Pauta-se na escuta, no diálogo, na voz dos/das estudantes. Rompe com o paradigma machista e patriarcal, e busca construir uma forma livre de sexualidade, que quebra com os padrões impostos do feminino e masculino e toda a carga que essas imposições carregam.

## Agradecimentos e apoios

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## Referências

ALCOFF, Linda M. Uma epistemologia para a próxima revolução. **Revista Sociedade e Estado** – Volume 31 Número 1 janeiro /abril 2016, p.129-143.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em Movimento: contribuições do feminismo negro in: Heloisa Buarque de Hollanda (org). **Pensamento Feminista Brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p.271-292.

CASSIANI, Suzani; LINSINGEN, Irlan. **Resistir, (Re) Existir e (Re)In-ventar a Educação Científica e Tecnológica**. Florianópolis: Núcleo de Publicações NUP-CED, 2019. Disponível em <https://dicite.paginas.ufsc.br/files/2019/08/PDFinterativo-> Acesso em: 23/09/2020.

CURIEL, Ochy. (2014), “**Género, raza, sexualidad: debates contemporáneos.**” Colombia, Universidad del Rosario. Disponível em: < [http://www.urosario.edu.co/urosario\\_files/1f/1f1d1951-0f7e-43ff-819f-dd05e5fed03c.pdf](http://www.urosario.edu.co/urosario_files/1f/1f1d1951-0f7e-43ff-819f-dd05e5fed03c.pdf)>. Acesso em: [28 de janeiro de 2015].

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**. Mulheres, corpo e acumulação primitiva. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

FITZPATRICK John L., Willis Charlotte, Devigili Alessandro, Young Amy, Carroll Michael, Hunter Helen R. and Brison Daniel R. 2020 Chemical signals from eggs facilitate cryptic female choice in humans Proc. R. Soc. B.2872020080520200805 <http://doi.org/10.1098/rspb.2020.0805>

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras** -6ª ed.-Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

LUGONES, Maria. Colonialidade e Gênero. **Tabula Rasa**. Bogotá - Colombia, No.9: 73-101, julio-diciembre 2008.

MARIN, Yonier; OLIVEIRA, Maíra. C. D. PROBLEMATIZANDO As Relações entre Química-Biologia e Questões de Gênero: Possibilidades e Desafios na Educação de Jovens e Adultos. **Redequim**, v. 5, n. 2, p. 19-38, 2019.

MARTIN, Emily. The Egg and the Sperm: How Science has Constructed a Romance based on Stereotypical Male-Female Roles. In: KELLER, Evelyn F., e LONGINO, Helen E. (eds.). **Feminism and Science**. New York: Oxford University Press, 1996, p. 103-20.

MIÑOSO, Yuderkys E. “Etnocentrismo y colonialidad em los feminismos latino-americanos: Complicidades y consolidación de las hegemonias feministas em el espacio transnacional” (2009). In: Yuderkys E. Miñoso –textos seleccionados. Bogotá: Editorial en la frontera, 2017.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder y casificacion social. **Journal of world-systems research**, v. 11, n. 2, p. 342-386, 2000.

SHIVA, V. **Monoculturas da mente:** perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003.